

A EXPERIÊNCIA COMO ALUNO SURDO NA GRADUAÇÃO DA UFPEL

LUCIANO COUSEN BARBOSA¹;
KARINA ÁVILA PEREIRA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – lucke.castle16@gmail.com¹

² Universidade Federal de Pelotas – karina.pereira53@gmail.com²

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar e problematizar a experiência de inclusão vivenciada por mim, enquanto acadêmico surdo do curso de Cinema e Animação da Universidade Federal de Pelotas.

Nasci ouvinte, isso significa dizer que fui exposto ao mundo oral auditivo e tive aquisição da língua portuguesa como primeira língua. Na idade de oito anos fui diagnosticado com Meningite e uma das sequelas foi a surdez BILATERAL. A partir desse momento comecei a vivenciar conflitos e dificuldades para me adaptar ao mundo ouvinte, uma vez que precisei aprender a leitura labial para ter acesso à informação do que as pessoas queriam comunicar, em especial durante a maior parte da vida escolar fundamental/médio onde os professores não tinham como ajudar, e minha mãe insistia na minha capacidade e negava minha situação, procurando muitas vezes um meio de “cura” até ter sua total aceitação ao colocar um aparelho auditivo pela primeira vez.

Após ter superado muitas barreiras comunicacionais dentro da escola consegui ser aprovado na UFPEL, o que me deixou motivado para seguir meus estudos. O objetivo dessa minha escrita é relatar as dificuldades enfrentadas e as conquistas em um curso em nível de graduação, tanto comunicacionais, quanto metodológicas. No ano de 2022 decidi que deveria aprender a Língua Brasileira de Sinais, uma vez que ela se constitui como meio legal de comunicação das comunidades surdas brasileiras (Lei 10436/2002) e também por eu sentir que o acesso aos conteúdos das aulas, através da leitura labial não estavam sendo suficientes para o meu aprendizado. A partir desse novo conhecimento comecei a participar de dois projetos de pesquisa intitulados “Spread the sign- internacionalização da Libras” e “Obalibras”.

A participação nesses projetos têm se mostrado essencial para minha permanência na UFPEL, uma vez que fui bem acolhido pela comunidade surda e pelos professores e alunos.

2. METODOLOGIA

Passo a narrar um pouco sobre o meu acesso à UFPEL e sobre como vem sendo minha permanência na mesma. Ingressei na instituição de ensino, no ano de 2020, através do PAVE, antes da pandemia do coronavírus. Sem possuir o

conhecimento da Libras, somente com um aparelho auditivo velho e meu conhecimento em leitura labial, aprendido com a idade 12 de anos e ensinado para mim por minha mãe, que não tinha conhecimento de libras. Apesar desses recursos, ainda possuía uma certa dificuldade em entender e reconhecer o que os professores falavam, tanto que precisei de auxílio, por diversas vezes de uma colega que conheci nos primeiros dias de faculdade.

Com a chegada do período pandêmico, e o modelo de ensino remoto proposto, precisei me adaptar ao novo método, mesmo com uma dificuldade maior que o normal, por não ter legendas, por não ter intérpretes, e os alunos não conseguiram ajudar ou não ter conhecimento de um colega PCD em sua classe. Diante desse contexto, fui obrigado a trancar o curso durante a maior parte do período pandêmico, o que foi frustrante e desgastante, praticamente um ano e meio sem aulas, sem nada para ser feito, procurando formas de aprender, até o fim da pandemia chegasse. Com o retorno das aulas presenciais e o uso de máscaras cobrindo a boca das pessoas, foi mais um momento de barreira comunicacional, pois a leitura labial dos professores era impossível de ser feita, e o aprendizado, mais uma vez, ficou prejudicado.

Uma das alternativas encontradas a qual encontrei para aprender desde de antes do meu ingresso na universidade, foram pesquisas na internet através de palavras, citações e livros que professores mostravam para os alunos, como meio de conhecer o assunto, o que me ajudou em parte, mas não o suficiente para ter uma vida acadêmica justa e digna.

Os professores utilizavam máscaras, porém, com respeito a minha pessoa, apesar de esquecerem retiravam as mesmas para me ajudar a aprender e a utilizar da leitura labial. Foi nesse mesmo semestre do retorno da pandemia que me inscrevi na cadeira de Libras I, regida pela Profª Karina. Este não foi meu primeiro contato com a língua, mas foi a primeira vez que me aprofundei um pouco mais na aprendizagem da Libras.

Por convite da professora pude conhecer dois projetos de pesquisa maravilhosos os quais eu amo muito e me sinto confiante, um deles se chama “Spread the sign”- Internacionalização da Libras, e o outro Obalibras, dois projetos cujos objetivos são pesquisar sinais na Libras, e fazer o seu registro para compartilhamento em uma plataforma internacional e o outro tem como objetivo o registro de diálogos e situações cotidianas em Libras para utilização como material didático para o ensino da Libras. Ao mesmo tempo em que eu estava aprendendo pela primeira vez a Língua de sinais, estava finalmente conhecendo a comunidade surda a qual, hoje eu faço parte, com muito orgulho. Em tantos anos como surdo, nunca tive amigos, conhecidos também surdos ou que se comunicam em Libras.

Segundo Strobel, 2008, “Na maioria dos casos somente no decorrer da idade adulta é que o surdo possui contato com a comunidade surda. Aqueles que possuem famílias ouvintes, ou pela imposição social, não frequentam escolas de surdos e não possuem conhecimento da comunidade muito menos da cultura surda por muito tempo.”.

Mas afinal, o que é a cultura surda? Strobel afirma que a cultura surda é para o sujeito surdo, um meio de se habituar ao mundo, e torná-lo um lugar acessível para si e sua comunidade. A cultura surda possui assim como toda cultura, suas crenças, hábitos e costumes únicos, sua história, que, construída e até hoje em construção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Penso que estamos em uma caminhada para uma efetiva inclusão e que isso depende da parceria entre o colegiado do curso, os professores e os colegas. É preciso haver uma adaptação dos materiais que os professores utilizam em sala de aula como a colocação de legendas em vídeos, prazos diferenciados para entrega de trabalhos, e adaptação de disciplinas que incluam trabalho com áudio, muito comuns no curso de cinema. Penso ser importante apontar que minha trajetória dentro da comunidade surda está recém começando e que preciso aprofundar mais meus conhecimentos na língua brasileira de sinais, mas quero mencionar que a minha participação nas duas pesquisas, já citadas anteriormente têm fundamental importância na minha motivação de seguir em frente e acreditar que é possível, sim, que eu surdo, possa concluir meu curso de graduação em Cinema de Animação.

4. CONCLUSÕES

Em tempos difíceis, onde um simples estudante surdo estava se sentindo desconectado da comunidade ouvinte, finalmente pude aproveitar, aprender e participar de novas amizades sem medo, sem pressão e sem tanto estresse quanto era antes, claro não excluindo as pessoas ouvintes de sua vida, mas trazendo as mesmas aos poucos para uma forma saudável e justa de comunicação, onde ambos possam se sentir confortáveis e possam aprender juntos a viver em harmonia. Há muito aprendizado ainda pela frente, pois a Libras é uma língua com suas regras e estruturas, mas ao conviver com outros colegas surdos sinto-me em situação de imersão linguística e o aprendizado dessa língua de modalidade viso-espacial se torna mais fluida e natural.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.

BRASIL, LEI FEDERAL 10.436 de 24 de Abril de 2002. Disponível em www.leidelibras.gov.br. Acessado em 10/09/2023.